

ADIVINHAÇÃO: BRINCAR DE DIZER (E DE SABER?)

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira*

RESUMO: Neste artigo, aborda-se a adivinha, gênero literário da tradição oral, no que concerne a formas de registro e atualização, em situação de performance. Discute-se sobre o uso da adivinha por um contador de histórias e alunos, em sala de aula, considerando não só o aspecto lúdico da atividade, mas também a possibilidade de, através do texto da adivinha discutir sobre costumes do passado da comunidade a que pertencem os participantes dessas performances. A utilização da adivinha pelo contador configura a realização do “jogo da adivinhação”, o que revela o seu formato oral. Os textos aqui mencionados, trocados pelo contador e os participantes (alunos do 4º ano do Ensino Fundamental) demonstraram a viabilidade do uso da adivinha para favorecer o desenvolvimento das capacidades de ouvir e falar, argumentando a partir de um texto dito ou lido. Observa-se a presença das adivinhas em publicações que registram esse gênero, mesmo sendo declarada a sua origem oral. Menciona-se também, a partir dos textos e da análise das performances do contador, possibilidades de textos orais, como as adivinhas apoiarem projetos de leitura e de escrita na escola.

Palavras-chave: Jogo da adivinhação. Contador de histórias. Sala de aula.

RÉSUMÉ: Cet article traite de l'énigme, le genre littéraire de la tradition orale, concernant les formulaires d'inscription et la mise à jour, la performance. Il discute sur l'utilisation de la conjecture pour un conteur et des élèves en classe, en tenant compte non seulement l'aspect ludique de l'activité, mais aussi la possibilité, par le biais de l'interpréteur de commandes discuter texte des coutumes du passé de la communauté qu'ils appartiennent aux participants de ces performances. L'utilisation de l'estimation par le comptable met en place la réalisation de la « devinette », qui révèle son format oral. Les textes mentionnés ici, remplacé par le comptable et les participants (élèves de la 4e année du primaire) ont démontré la faisabilité d'utiliser la conjecture pour favoriser le développement de l'écoute et parlant de capacités, arguant d'un texte dit ou lire. Observer la présence d'énigmes dans les publications qui enregistrent de ce genre, même si elle déclare son origine. Également mentionné, de l'analyse de textes et de performances du compteur, possibilités de textes oraux, tels que les devinette soutien lecture et l'écriture des projets à l'école.

Mots clés: Jeu des devinettes. Conteur. Salle de classe.

Introdução

A adivinha, gênero textual da tradição oral, integra um conjunto de expressões populares que visam à interação entre as pessoas, por meio da voz, do corpo, garantindo a manutenção de acervos desses textos. A atualização desse gênero realiza-se mediante um embate/diálogo entre quem vocaliza a adivinha e quem é desafiado a solucionar o enigma que ela propõe.

A troca de adivinhas pressupõe um conhecimento e uma compreensão dos artifícios da linguagem que compõe esse gênero. As trocas orais realizadas, em situação de performance por quem detém um acervo de adivinhas envolve a interação que por intermédio da emissão e recepção

* Professora da Universidade Federal da Paraíba, doutora pela mesma Universidade. E-mail: claurenia@gmail.com

dos textos mantém vivo o denominado *jogo da adivinhação* ou “brincar de dizer adivinhação”. O termo *performance* é aqui utilizado na concepção de Zumthor (1997), que o conceitua as ações correspondentes a essa vivência, como:

A ação complexa pela qual a mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário e circunstâncias (...) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance, se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição. (ZUMTHOR, 1997, p. 33)

O *jogo da adivinhação* adequa-se plenamente ao movimento de interação entre os participantes, por meio da realização do texto em situação de performance. A adivinha é um texto que tradicionalmente atualiza-se por intermédio de trocas orais. É na fala que se estabelece a sua transmissão por meio da comunicação que esse texto visa estabelecer. Esse gênero estabelece uma relação de ludicidade. Alguém vocaliza a adivinha, para que aqueles que ouvem elucidem o enigma ensejado. A adivinha integra uma tradição oral. Realiza-se como um jogo, uma brincadeira em um grupo participante, em que é lançada uma questão que exige resposta. A fórmula introdutória, “o que é, o que é?...”, desafia os participantes a buscar uma resposta adequada ao enigma. A adivinha vocalizada cria uma expectativa de resposta no grupo em relação à questão lançada.

1 Adivinhas em performance

As performances mencionadas neste artigo foram realizadas em uma sala de aula de 4º ano, em uma escola municipal, na zona rural de Mogeiro, na Paraíba, quando das visitas de um contador de histórias, ‘Seu’ Manoel Domingos, que, além do repertório de contos populares, também detinha na memória um acervo numeroso e variado de adivinhas. Esses textos curtos eram lançados como desafio aos participantes e, inicialmente, como estratégia para aproximar-se do grupo, como forma de garantir uma melhor interação, nos primeiros contatos com os ouvintes, considerados pelo contador nas suas possibilidades de brincar com os ouvintes, durante as conversas que introduziam as histórias que contava, escolhidas do seu repertório, ao sabor da camaradagem que se estabelecia no grupo, nas performances em que contava histórias.

A presença ativa de Seu Manoel, trocando adivinhas com os alunos, de faixa etária entre 10 e 15 anos, garantiu a oportunidade de vivenciar o que os folcloristas denominam de *jogo da adivinhação*. Considere-se que os alunos participantes das performances também detinham seus repertórios de adivinhas, embora em menor número de variedade que o contador. Essas

performances na escola mostraram que a adequação dessas trocas orais constitui oportunidades que podem ensejar atividades de fala e escuta, favorecendo atividades de ampliação de possibilidades de letramento em sala de aula (SOARES, 2001). Esse jogo demonstrou adequação a possibilitar desenvolver aptidões tais como: escuta atenta, capacidade de argumentação e de memorização dos textos, além de favorecer o exercício de pensar sobre a linguagem, reconhecendo formas cifradas de dizer, utilizando figuras de linguagem e estilo, o que Jolles (1976) denomina língua especial.

2 Saberes em jogo – adivinhação

A atualização dos textos literários orais por intermédio do ‘jogo da adivinhação’ integra esse conjunto de saberes que, por meio da voz se dá a conhecer na interação entre quem diz e os que são desafiados a solucionar o enigma proposto. A interação caracteriza esse gênero e outros, considerados “formas simples” por Jolles (1976), como parlendas, cantigas, anedotas, provérbios, entre outros constituem conjuntos de textos que se revelam como textos curtos, mas nem por isso simples.

Para o autor, se comparada ao mito, que para ele “é uma resposta que contém uma questão prévia, a adivinha é uma pergunta que pede uma resposta” (JOLLES, 1976, p. 111). Essa proposta é denominada “Forma Simples”. Além da adivinha, também são consideradas assim a lenda, a saga, o mito, o ditado, o caso, o memorável, o conto ou chiste. Explicitando o que se expõe como Forma Simples, o autor detalha serem “aquelas Formas que não são apreendidas nem pela estilística, nem pela retórica, nem pela poética, nem mesmo pela “escrita”, talvez; que não constituem poemas, embora sejam poesia” (JOLLES, 1976, p. 20).

Observe-se que o fato desses textos terem sua origem oral, hoje eles têm sido amplamente divulgados por meio da escrita. Isso faz com que em vez de serem ditos, passam a ser lidos. Não só as adivinhas, mas todos os outros gêneros orais têm passado por esse processo de registro. No registro e publicação desses textos reside a necessidade de mantê-los, divulgá-los, de oferecer material para que haja a permanência dessas performances. Busca-se não permitir que se percam por meio da inconstância da memória. A mudança de hábitos das comunidades que fazem com que as pessoas não se reúnam com regularidade para conversar, o que possibilitaria trocar textos orais, favorece rarear o número de pessoas que detêm um repertório de adivinhas.

O jogo da adivinhação realizado em uma sala de aula do Ensino Fundamental mostrou-se como atividade dinâmica e proveitosa no que se refere ao exercício coordenado de aptidões da linguagem, como ouvir com compreensão e falar com desenvoltura. O grupo formado pelo contador e os alunos da sala teve a motivação da presença do primeiro, convidado pela pesquisadora, na intenção de observar a interação de um contador tradicional em uma sala de aula, com vistas a comprovar a eficácia da contação de histórias, não somente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas também com alunos adolescentes, fora da faixa etária para o ano escolar que estavam cursando.

As adivinhas aqui mencionadas foram trocadas, em performances de Seu Manoel com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, da zona rural de Mogeiro, na Paraíba, durante um semestre letivo. Nesses encontros o contador contava histórias que lhe vinham à lembrança, decorrentes da conversa com os alunos cuja faixa etária era de 10 a 14 anos. Nessas conversas apareciam textos como anedotas, contos dos mais variados tipos, provérbios e adivinhas.

Para que o jogo da adivinhação possa surtir efeito, fazendo com que a brincadeira seja instigante para os que nela estão envolvidos, faz-se necessário o conhecimento de um repertório de adivinhas. Para que o texto da adivinhação tenha sentido, é preciso se estabelecer uma relação de compreensão do modo como se estrutura esse gênero textual oral. Se a adivinha é posta e o objeto em questão não consta do universo de conhecimento daquele que deve responder à indagação, mesmo sendo dada a resposta por aquele que perguntou, esta perde a força de significação por não fazer sentido para uma das partes envolvidas no jogo. Adivinhas referentes a coisas, costumes, cujas respostas referem-se a aspectos já fora do uso ou desconhecidos aos participantes, tendem a fazer diminuir o interesse pela brincadeira.

Durante a permanência do contador na sala de aula, em suas performances com os alunos, observou-se que algumas adivinhações que foram ditas pelo contador necessitaram de explicações para ser compreendidas pelos alunos, por referirem-se a costumes já em desuso na região, mas que faziam parte da história do município. Assim, o contador intercalava as adivinhações trocadas agilmente com os alunos com aquelas que passaram a servir como motivo para uma “revisão histórica” dos antigos costumes da comunidade e que não detinha mais espaço no dia a dia das famílias do lugar (SILVEIRA, 2001).

Observe-se a adivinha estruturada como um texto narrativo, obedecendo a uma estrutura de enunciado e questionamento:

O que é, o que é. Vão uma moça e um rapaz, cada um em um barco pelo mar. Por aceno, tentam se comunicar. A moça pergunta o nome do rapaz e ele aponta para o mar e, em seguida, pega duas pratas (moedas) e bate uma na outra. Como é o nome do rapaz? (SILVEIRA, 2001, p. 297)

A primeira questão colocada é sobre o costume de comunicar-se por meio de um aceno ou de um gesto feito de longe, que, segundo o contador, era uma forma bastante utilizada quando os jovens não podiam namorar mais de perto e comunicavam-se por gestos que eram denominados “acenos”. Essa linguagem dos gestos entre os namorados constituía-se como uma forma de comunicação em uma época em que as famílias vigiavam as moças para não se encontrarem com os namorados. A resposta a essa adivinhação é Martim. Exemplifica um tipo de adivinha com base linguística, a charada, em que cada gesto do rapaz, neste caso, forma uma sílaba da palavra pretendida como resposta. Esta adivinhação motivou explicações sobre os costumes vigentes na sociedade brasileira do início do século, quando a proximidade dos namorados estava longe de ser a que se desfruta hoje.

Se algumas adivinhações não surtiam o efeito desejado como jogo, prestavam-se a outros objetivos que eram o de informar e discutir sobre os modos de vida da região em épocas passadas. Se a questão colocada não encontrava ressonância nos costumes atuais da localidade, abriam-se possibilidades de saber sobre hábitos das gerações anteriores e as possíveis causas das mudanças dos costumes. Observou-se nesse entremeado de adivinhas e conversas, a forma do contador coordenar as performances. A conversa também versava sobre as formas como as adivinhas apresentadas estruturavam-se.

Como hoje preconizam as orientações pedagógicas com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que buscam um ensino centrado no aluno, construir o conhecimento a partir da vivência deste, ampliando a partir do seu mundo, das condições socioeconômicas da comunidade à qual a escola presta serviço, os textos populares utilizados por um contador de histórias tradicional demonstrou ser um rico material que cumpre o seu papel de motivador da busca do conhecimento, não esquecendo o caráter lúdico de que se reveste a atividade de trocar adivinhações.

Ainda mencionando o registro das atividades em sala de aula, algumas adivinhações referiam-se a coisas que não existiam mais na região, ou que por quaisquer motivos a sua presença fazia-se mais rara. A adivinha: “São duas irmãs de um só parecer. Uma se come e outra serve de comer”, cuja resposta é lima (laranja e objeto de metal para raspagem de ferro) gerou discussões.

Se alguns desconheciam a existência da ferramenta, a maioria não sabia da existência desse tipo de laranja, de fatores causadores de variações climáticas que motivaram o desaparecimento da fruta na região. Espécimes como a laranja-lima foram referidos. Comentou-se também sobre as relações de produção no campo que, entre outros problemas socioeconômicos da região desestabilizaram algumas culturas que garantiam divisas ao município e um melhor poder aquisitivo aos agricultores. Um aspecto que o contador ressaltou, para surpresa de alguns alunos, foi a fartura em frutas e hortaliças que caracterizavam as localidades serranas do município, famosas em toda região, pela beleza e sabor e pela colheita garantida, quando da época em que se registravam chuvas regulares na região.

A palavra comer, de forte apelo sexual, provocou risos nos alunos mais velhos (entre 13 e 15 anos). A alusão a duas mulheres, uma comendo e outra servindo de comer, foi identificado pelos alunos como um texto de duplo sentido, desfeito frente à resposta dada, ao enigma solucionado. A palavra comer explicitou o contador aos participantes, seria a chave para chegar à resposta esperada. O que não era esperado pelo contador: o franco desconhecimento, pelos participantes, do objeto e da fruta em questão.

A possibilidade que as adivinhas abriram para a discussão sobre aspectos que pertenceram ao cotidiano das famílias onde aqueles alunos estavam inseridos motivava o contador a escolher os textos cujas respostas mais favoreciam levantar esses fatos. Ele buscava fazer com que as adivinhas não só divertissem, mas também ensinassem, o que comprova a relação pedagógica que os gêneros assumem ao adentrar a sala de aula. Na concepção dele, ensinar seria um fator indissociável da presença em uma escola. Percebe-se na sua atuação uma tendência que o contador de histórias assume de detentor de saberes da comunidade, como é mencionada por Benjamin (1994), quando discute a obra de Nikolai Leskov:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, [...] mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Essa consciência de detentor de um saber mostrou-se nas performances do contador, na sala de aula. Ele também lamentou o desconhecimento pelos meninos de tantos aspectos familiares para os antigos moradores do município, como a fartura e a facilidade de habitar e trabalhar em um pedaço de terra. Alunos e contador constataram que a pobreza parece ter crescido em todos os

sentidos, que não só a dificuldade das famílias em garantir o seu sustento tem crescido cada dia mais. Para o contador, também cresceu a falta de conhecimento das expressões culturais da região onde habitavam e de onde eram oriundos. Na concepção do contador, “os meninos de hoje não sabem mais nem brincar”.

A estiagem quase permanente teria mudado a face da região, retirando mais riqueza do que a natureza poderia repor a cada ano. A mudança nas relações de trabalho no campo, estabelecidas por leis trabalhistas que parecem atuar contra o empregado e o empregador teria determinado a impossibilidade para o trabalhador rural vir a ser ‘morador’ de qualquer ‘dono de terra’. Sem lhe ser garantida a possibilidade de dispor do seu espaço e sustento nas fazendas, as famílias têm emigrado para as periferias das grandes cidades, o que vem criando gerações de deserdados não só da terra, onde produziam lavoura de subsistência, mas também das relações culturais, interpessoais que se estabeleciam naquelas comunidades hoje dissolvidas.

Entre as adivinhas que empolgaram os alunos na busca da solução e também necessitaram ser explicadas para garantir a compreensão dos alunos estavam estas:

1. Sou verde da cor do lodo, sou branco da cor de prata. Minha carne engorda e cria, meu sangue envenena e mata.
2. Ziguezigue vai voando com vontade de morder. Mastigando, vomitando, engolir não pode ser.
3. O que é o que é: papai empresa e mamãe se mija? (SILVEIRA, 2001, p. 302)

São adivinhas, segundo o contador, ligadas à cultura da mandioca e seu beneficiamento artesanal nas casas de farinha hoje desativadas no município. Desconsiderando a intenção de propor uma adivinha (adivinha 3) de duplo sentido, os enigmas lançados pelo contador referem-se à fabricação artesanal de subprodutos da mandioca, como a farinha, o beiju, a goma (fécula) e a massa de mandioca (fibra sem a fécula).

A adivinhação de nº 1 refere-se à mandioca, por suas folhas verdes e o tubérculo, que, livre da casca, é branco. A carne seria a massa da qual se faz a farinha em que se retira, moendo e espremendo, um líquido que essa raiz libera, denominado *manipueira*, seu sangue, que detém alto grau de toxicidade. A segunda adivinhação diz do *rodete*, uma engrenagem onde a mandioca é moída nesse processamento. A terceira adivinha apresentada é uma alusão jocosa e que evoca um duplo sentido para o *rodete*, instrumento que favorecia espremer a massa, retirando a umidade, que por ser palavra masculina seria o papai e a massa de mandioca, feminino, que seria a mamãe.

Também na adivinha deve-se considerar o registro de variantes do mesmo texto. Tal diversidade constitui-se como aspecto que garante a permanência desse gênero oral. Maior (2002, p. 30) apresenta uma variante da adivinha que o contador propôs à turma: “Ziguezigue vai voando/Com dentes para morder/ Mastiga, bota fora, /engolir não pode ser”. A resposta refere-se ao mesmo instrumento, que aqui recebe outra denominação: “Caititu (instrumento de casa de farinha)”. Assim como as adivinhas, também os objetos a que elas referem-se registram diversidade de denominações.

Observe-se as imagens criadas por estas adivinhas que com o uso do recurso linguístico da personificação, em sua linguagem cifrada, apontam aspectos de um fazer hoje desconhecido, não só para as crianças. As referências do texto foram devidamente complementadas pelas informações que se cruzaram quando o contador contou suas experiências vividas e os alunos procurando compreender, complementavam com fatos ouvidos dos familiares ou já vistos em livros. Considere-se que as casas de farinha não existem mais, naquele município. O texto da adivinha, nas performances registradas, era usado como apoio à memória do contador no tocante à sua história de vida que ali estava sendo relatada aos meninos que desfrutavam da oportunidade de emprestar raízes à construção da sua própria história como pessoa pertencente àquela comunidade.

O processo de fabrico da farinha foi explicado pelo contador para os meninos que, distanciados dos tempos de fartura da região, veem a farinha de roça chegar à mesa, mas não conhecem mais os biscoitos, os bolos e mesmo o grude (cola caseira), à base da goma, fécula provinda da mandioca. Aqueles meninos embevecidos pelas lembranças que o contador lhes revelava lamentaram a distância em que estavam das relações interpessoais que se criavam a partir de atividades comunitárias como as farinhadas. E eles riram daquelas lembranças evocadas, quando o contador comentou: “Era a farinha queimando no fogo e a gente dizendo piada, contando história”.

Entre outras adivinhas que suscitaram discussões sobre processos de produção e de transformação, utilizados pelas gerações anteriores às daqueles alunos, expomos a seguinte, ainda como referência: “Cru não existe e cozinhado não se come”. Esta adivinha, cuja resposta é carvão vegetal, refere-se ao fabrico desse item, ainda bastante utilizado pelas famílias, na comunidade. Mereceu alguns momentos de conversas e explicações tanto do contador como dos alunos, uma vez que muitos conheciam a adivinhação e todos tinham uma colocação a fazer. O fabrico do carvão, devido a proibições impostas pelo IBAMA, buscando a proteção às matas, já se encontra

em franca decadência na região. A aproximação que o contador fez com as caieiras, estruturas erguidas, para a chamada queima dos tijolos, eram bem familiares aos alunos, o que suscitou a discussão em torno de um assunto polêmico: como se constrói uma caieira e quanta lenha queima-se nessas atividades de fazer carvão e tijolos.

Além da aprendizagem do que se refere aos aspectos que o texto da adivinhação sugere, um ponto bastante frisado foi a importância de memorizar e dizer adivinhações consideradas bem feitas e bonitas por todos, tanto contador como alunos. O contador chamava a atenção dos meninos para os textos mais elaborados, evidenciando a sua construção. Interessado em motivar os alunos a buscarem memorizar as adivinhas mais complexas, afastando-se dos textos de duplo sentido que tanto divertiam a todos, apresentou e incentivou os alunos a apresentarem também adivinhas qualificadas como ‘muito bonitas’.

Essa qualificação dos textos pelo contador elege a *língua especial* mencionada por Jolles (1976). Observe-se a adivinha: “Não sei de onde venho, não sei pra onde vou. Só sei o meu nome, não sei da minha cor”. A personificação de algo que o texto esconde, na mensagem cifrada, a rima e o ritmo do verso, unidos a essa ambiguidade que caracteriza a adivinha, constroem um texto que embora utilize palavras de fácil compreensão, criam a oposição e “cifram o texto”, em aparente contradição. A resposta à adivinha expõe a simplicidade que se esconde entre o saber e o não saber das coisas que apenas podem nos parecer difíceis. Essa adivinha foi apresentada pelo contador e tem como resposta: o vento.

Ainda observando as adivinhas consideradas “mais bem feitas”, observe-se o texto apresentado por um dos alunos: “São três irmãs de um só parecer. Uma nasce, vai embora. Outra quer ir, mas não pode. Outra fica até morrer”. A resposta dada para o enigma revela a metáfora nascida do fogo. As três irmãs, neste caso, seriam de um só parecer, por apresentarem uma mesma origem: o fogo. A fumaça nasce e, por ser volátil, vai embora. A labareda prende-se à madeira em chamas e, no seu animismo, “quer ir, mas não pode”, a brasa “fica até morrer”, transformada em cinzas. Atente-se para o ritmo em que são construídas as três últimas das(os) quatro frases/versos que compõem a adivinha, cada uma dedicada a distinguir uma das irmãs. Aproximam-se do ritmo de uma canção, todas obedecendo a uma mesma métrica. Por pertencerem a uma mesma origem, reforçam a afirmação de que “são três irmãs de um só parecer”.

Discutindo sobre a mensagem possível do texto, contador e alunos lembraram o *fogo de lenha*, para muitos deles símbolo das dificuldades que envolvem a vida de pessoas pobres como

eles, que além de ter de trabalhar no roçado para abastecer a casa, ainda precisam enfrentar a dificuldade de *fazer o fogo* para cozinhar os alimentos, trabalho reconhecidamente feminino.

A linguagem figurada que esconde e ao mesmo tempo revela o objeto ou o contexto a ser desvendado no texto da adivinhação remeteu para significações as mais variadas, conduzindo os participantes na performance a sair do estranhamento inicial causado pela questão que é lançada e exige uma resposta adequada. Observe-se que, depois de cada resposta dada à adivinha, aquele que a lançou realizava, com o grupo, a sua decomposição, questionando a adequação da resposta a cada parte da adivinha a ser elucidada. Após cada adivinha devidamente respondida, conversava-se sobre o texto e suas possíveis respostas, realizando comparações e associações, elucidando o enigma. O contador detinha um repertório maior e mais variado de textos que o grupo de alunos e pretendia que a classe, além de conhecer as adivinhas que estavam sendo apresentadas, atentasse também para maneiras de multiplicar esse acervo, inclusive construindo outras adivinhas a partir daquelas já conhecidas.

Usando de sua experiência com o *jogo da adivinhação*, o contador de histórias, na sua familiaridade com as palavras e as estruturas da língua, esforçava-se inclusive para fazer com que os alunos entendessem o sentido da metáfora nos textos, uma característica forte dos textos das adivinhas. Esse termo técnico era desconhecido do contador, mas, na prática, conhece essa *língua especial*. Reconhece a metáfora e sabe utilizá-la com desenvoltura. Após cada adivinha lançada, desse diálogo podia fazer parte o *estudo da adivinhação* (segundo denominação emprestada pelo contador), realizado sempre que necessário para elucidar os sentidos contidos nos textos. Para o contador, o objetivo era proporcionar aos alunos a descoberta de uma forma de expressão mais diversificada, ágil, com a intenção de tornar mais clara essa linguagem específica da adivinha, esses textos cifrados. Além de buscar elucidar a estrutura de textos do gênero adivinha, também discutiu sobre os sentidos dos textos, quando havia a possibilidade de interagir com variados aspectos, tais como geográficos, históricos, linguísticos e culturais daquela região onde está inserida a escola, revivendo, por intermédio da palavra, apoiando-se na memória dos fatos vividos anteriormente, alguns usos e costumes hoje quase desaparecidos. Os diversos tipos de textos das adivinhas mostraram-se bem adequados a esse trabalho interdisciplinar de ensino/aprendizagem, tendo a língua como fio condutor da ação pedagógica, a partir de fontes orais do conhecimento.

3 As adivinhas em variados suportes textuais

As adivinhas, no seu caráter de texto oral, exigem a presença da voz, o texto dito e ouvido, a sua vocalização e recepção simultâneas. Na *performance*, quem lança a adivinha atualiza oralmente o seu repertório de textos orais. No entanto, nos dias atuais, a sua manutenção tem se dado através do registro por escrito, reunindo acervos não atribuídos a quaisquer informantes em particular. O registro por escrito desse gênero tem ocupado variados suportes: revistas, folhetos de cordel, jornais, publicações de acervos de folcloristas, em livros e em sites de internet. Esses suportes que registram adivinhas não mencionam o jogo de adivinhação como uma atividade interativa que movimentava grupos de pessoas. No entanto, mesmo sendo divulgado por escrito, no próprio texto da adivinha reside a marca da oralidade, do diálogo, pela principal característica do gênero que exhibe um formato específico de pergunta cifrada que exige resposta.

Da mesma forma que as narrativas, que podem abrir, no início da história, o espaço para que se possa incluir uma fórmula como *Era uma vez...*, que introduz o elemento maravilhoso e transporta contador e ouvintes para a esfera da ficção, também a adivinha pode ser introduzida por uma fórmula oral: *o que é, o que é?*..., que remete para o sentido do enigma, da questão posta e que exige ser elucidada. Pode-se afirmar que as rodas de conversas em que as adivinhas eram trocadas, como aconteceram nas performances do contador com os alunos daquela sala de aula, em maior ou menor quantidade, não se constituem mais como um hábito, existente naquela comunidade, em tempos passados. Mesmo mudando o formato do jogo de adivinhação, o gênero 'adivinha' permanece. Um dos canais de divulgação desses textos apoia-se na escrita. São os livros de literatura infantil e juvenil, publicações que, visando a uma mediação de leitura proposta por adultos, para favorecer o incentivo à leitura de crianças, as adivinhas são lidas em voz alta, em uma interação de leitores buscando os sentidos para o texto.

Assim, as adivinhas, como textos curtos, que prenunciam o jogo são muito bem aceitas nessas ações que propõem a leitura e elucidação do texto em pauta. Jolles (1976) considerou as adivinhas como *formas simples*, reforçando o seu caráter de texto cifrado, representante de uma *linguagem especial*, por se constituírem como textos cifrados, dependendo do grau de dificuldade que essas cifras encerram, exigindo capacidades de abstração e de argumentação.

O registro desse gênero textual oral, por escrito, publicado em livros, tem motivado a sua leitura. Diferente do *jogo de adivinhação* na sua tradição de uso, na oralidade, ao invés da estrutura

vocalização/memorização/vocalização do texto, durante as performances e a partir delas, passa-se a ler a adivinha para provocar a interação através do texto. Essas formas de mediação desses textos darão ênfase, antes, ao ato de ler, dizer a partir da leitura da adivinha, decodificar os textos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Autores de livros de literatura infantil que colocam esses textos em pauta buscam, através do escrito, recuperar o jogo oral que as adivinhas encerram. As adivinhas contidas nos livros são, em sua maioria, oriundas da tradição oral desses textos. Há, no entanto, a produção de textos do gênero, recriando textos da tradição, multiplicando formatos e ensejando autoria para outras adivinhas. Mas esse é assunto para outro artigo. Este não comporta mais essa discussão.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JOLLES, André. **Formas simples** – legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MAIOR, Mário Souto (Org.). **O grande livro das adivinhações**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.

SILVEIRA, M. C. **Contar, encantar, aprender/ensinar** – um contador de histórias em sala de aula. Tese (doutorado em Letras). PPGL, João Pessoa: UFPB, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia D. Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

[Recebido: 18 out. 2016 – Aceito: 13 nov. 2016]